

1

UM CASAL E UM CACHORRO

Éramos jovens e apaixonados. Estávamos a viver esses primeiros dias sublimes de casamento em que a vida parece melhor do que nunca. Só estávamos bem um com o outro.

E assim, numa noite de Janeiro de 1991, a minha mulher há quinze meses e eu jantámos rapidamente e saímos para responder a um anúncio dos classificados do *Palm Beach Post*.

Porque estávamos a fazer isto, não tinha bem a certeza. Algumas semanas antes acordara um dia logo de madrugada e encontrara a cama vazia ao meu lado. Levantei-me e vi Jenny de roupão, sentada na mesa de vidro no alpendre do nosso pequeno bangaló, debruçada sobre o jornal com uma esferográfica na mão.

Não havia nada de estranho na cena. O *Palm Beach Post* não só era o nosso jornal como a fonte de metade do rendimento do nosso lar. Éramos um casal de jornalistas de carreira. Jenny trabalhava como escritora numa secção do *Post* chamada «Accent», ao passo que eu era um repórter no jornal concorrente da zona, o *Sun-Sentinel* da Florida do Sul, que ficava a uma hora de carro para sul, em Fort Lauderdale. Todas as manhãs começávamos por passar os jornais em revista, vendo como as nossas histórias eram tratadas e desenvolvidas pela concorrên-

JOHN GROGAN

cia. Assinalávamos, sublinhávamos e agrafávamos mecanicamente.

Mas nessa manhã o nariz de Jenny não estava nas páginas dos jornais mas sim na secção dos classificados. Quando me aproximei, vi que assinalava febrilmente o cabeçalho «Animais domésticos — cães».

— Uh — disse eu naquela voz de marido recente, ainda vagamente trémula e gentil. — Alguma coisa que eu deva saber?

Ela não respondeu.

— Jen-Jen?

— É a planta — disse ela por fim, com a voz percorrida por uma pequena nota de exaspero.

— A planta? — perguntei.

— Essa estúpida planta — disse ela. — A que nós matámos.

A que *nós* matámos? Não é que eu fizesse questão de frisar este ponto, mas para que fique claro tratava-se da planta que *eu* comprara e que *ela* matara. Tinha-a surpreendido com ela uma noite, uma *dieffenbachia* grande e encantadora com folhas variegadas de amarelo e esmeralda.

— Qual é a ocasião? — perguntara ela.

Mas não havia ocasião nenhuma em especial. Tinha-lha dado por razão nenhuma em especial, apenas como quem diz: *Caramba, a vida de casados não é bestial?*

Ela tinha adorado quer o gesto quer a planta e agradecera lançando os braços à volta do meu pescoço e beijando-me nos lábios. Depois apressou-se a matar a minha prenda com a eficácia de um assassino impiedoso. Não é que o tenha feito deliberadamente; simplesmente, regou a pobre criatura até a matar. Não se pode dizer que a Jenny tivesse mão para as plantas. Partindo do pressuposto de que todas as coisas vivas requerem água, mas esquecendo-se, aparentemente, de que também precisam de ar, começou a afogar a *dieffenbachia* diariamente.

— Tem cuidado para não lhe pores água a mais — alertara eu.

— *Okay* — retorquira ela, para depois lhe despejar mais um litro em cima.

Quanto mais doente a planta ficava, mais ela a alargava, até que por fim acabou por se desfazer num monte de terra com água a escorrer. Olhei para o seu esqueleto mirrado no vaso à janela e pensei: *Caramba, alguém que acreditasse em augúrios teria aqui pano para mangas.*

E agora aqui estava ela, fazendo o salto cósmico da flora morta num vaso para a fauna viva dos animais domésticos dos classificados. *Mata uma planta, compra um cão.* Bem, claro que fazia todo o sentido.

Olhei mais atentamente para o jornal à sua frente e vi que aquele anúncio em particular parecia ter captado a sua atenção. Tinha desenhado três estrelas gordas ao seu lado. Podia ler-se: «Cães *labrador*, amarelos. Puro-sangue do AKC¹. Todas as vacinas. Progenitores no local.»

— Então — disse eu —, importas-te de recapitular o que aconteceu da planta ao cachorro?

— Sabes — disse ela, olhando para cima. — Esforcei-me tanto e olha o que aconteceu. Nem sequer consigo cuidar de uma planta. Quer dizer, será que é assim *tão* difícil? A única coisa que é preciso é regar o diabo da coisa.

Até que chegou ao assunto principal:

— Se eu não consigo tratar de uma planta, como vou poder cuidar de um bebé? — Parecia a ponto de desatar a chorar.

A questão do bebé, como eu lhe chamava, tinha-se tornado uma constante na vida da Jenny e estava a agravar-se cada vez mais. No dia em que nos conhecemos, num pequeno jornal no Michigan ocidental, ela saíra da faculdade havia poucos

¹ American Kennel Club — organização nacional de desenvolvimento e registo de cães de raça pura, constituída por mais de quinhentos clubes autónomos. (*N. do T.*)

JOHN GROGAN

meses, e a vida adulta parecia um conceito distante. Era o nosso primeiro emprego fora da escola. Comíamos muita piza, bebíamos muita cerveja e nem sequer púnhamos a hipótese de um dia virmos a ser outra coisa que não jovens consumidores incorrigíveis de piza e cerveja.

Mas os anos foram passando. Mal tínhamos começado a andar juntos quando várias oportunidades profissionais — e um programa de pós-graduação para mim — nos levaram em direcções diferentes pelo Leste dos Estados Unidos. A princípio estávamos apenas a uma hora de carro de distância um do outro. Depois passámos a estar a três. A seguir a oito e a vinte e quatro. Quando aterrámos os dois no Sul da Florida e demos o nó, ela tinha quase trinta anos. Os seus amigos começavam a ter filhos. O seu corpo enviava-lhe mensagens estranhas. A janela da oportunidade para a procriação, outrora aparentemente aberta, começava a fechar-se lentamente.

Debrucei-me sobre ela por trás, envolvi-lhe os ombros com os braços e beijei-a na testa. — Está tudo bem — disse-lhe.

Mas tive de admitir que era uma boa questão. Nenhum de nós alguma vez tivera de alimentar o que quer que fosse nas nossas vidas. Claro que tínhamos tido animais de estimação em crianças, mas esses não contavam. Sempre soubéramos que os nossos pais os iriam manter vivos e de boa saúde. Ambos sabíamos que um dia queríamos ter filhos, mas estaria algum de nós realmente à altura da tarefa? As crianças eram tão... tão... assustadoras. Eram frágeis e indefesas e parecia que se quebrariam facilmente se as deixássemos cair.

Um pequeno sorriso despontou no rosto de Jenny.

— Pensei que talvez um cão fosse um bom treino — disse.

Enquanto conduzíamos através da escuridão, em direcção a noroeste para fora da cidade, onde os subúrbios de West Palm Beach se esbatem em propriedades rurais, pensei na nossa

MARLEY E EU

decisão de trazer um cão para casa. Era uma grande responsabilidade, especialmente para duas pessoas com empregos a tempo inteiro. Ainda assim sabíamos no que nos estávamos a meter. Ambos tínhamos crescido com cães e adorávamo-los imensamente. Eu tinha tido o *Santo Shaun* e Jenny o *Santo Winnie*, o adorado *setter* inglês da sua família. Havia quase sempre cães presentes nas memórias mais felizes das nossas infâncias. Passear com eles, nadar com eles, brincar com eles, metermo-nos em sarilhos com eles. Se a intenção de Jenny fosse ter um cão apenas para treinar as suas competências maternas, teria tentado dissuadi-la e aplacá-la com um peixe-dourado, por exemplo. Mas tal como sabíamos que queríamos ter filhos um dia, sabíamos com igual certeza que a nossa casa de família não ficaria completa sem um cão esparramado aos nossos pés. Quando éramos namorados, muito antes de os bebés alguma vez entrarem no nosso horizonte, passávamos horas a conversar sobre os saudosos animais domésticos da nossa infância, e como um dia desejaríamos — assim que tivéssemos uma casa a que pudéssemos chamar nossa e alguma estabilidade nas nossas vidas — voltar a ter um cão.

Agora tínhamos ambas as coisas. Estávamos juntos num sítio que não planeávamos deixar nos tempos mais próximos. E uma casa a que podíamos chamar nossa.

Era uma casinha perfeita num lote vedado de mil metros quadrados, ideal para um cão. E a localização também era perfeita, um bairro citadino assustador, a um quarteirão e meio do canal Intracosteiro, que separava West Palm Beach das mansões esparsas de Palm Beach. Na base da nossa rua, a Churchill Road, um parque verde alinhado com um caminho pavimentado estendia-se por várias milhas ao longo do canal. Era ideal para correr e andar de bicicleta e de patins. E, mais do que qualquer outra coisa, para passear o cão.

A casa fora construída nos anos cinquenta e tinha o encanto das casas da Florida antiga — uma lareira, paredes de gesso,

JOHN GROGAN

janelas grandes e arejadas e portas francesas conduzindo ao nosso espaço favorito, o alpendre das traseiras. O pátio era um pequeno refúgio tropical, repleto de palmeiras, bromélias, abacateiros e cóleos de cores vivas. A dominar a propriedade havia uma mangueira enorme; todos os verões ela largava os seus frutos pesados com baques sonoros e grotescos, como se fossem corpos a cair do tecto. Ficávamos acordados na cama a ouvir: *Tum! Tum! Tum!*

Alguns meses depois de voltarmos da nossa lua-de-mel, comprámos um bangaló de dois quartos e uma casa de banho e começámos imediatamente a remobilá-lo. Os antigos donos, um funcionário dos correios reformado e a mulher, adoravam a cor verde. O estuque exterior era verde. As paredes interiores eram verdes. As cortinas também. As persianas eram verdes. A porta da frente era verde. A tapete, que eles tinham acabado de comprar para ajudar a vender a casa, era verde. Nem um verde-amarelado-vivo nem um verde-esmeralda-frio ou mesmo um verde-lima mais ousado, mas sim um verde de vomitar-as-entradas-depois-de-uma-sopa-de-ervilhas acentuado com um toque de caqui. Aquilo mais parecia uma tenda militar.

Na nossa primeira noite em casa arrancámos a alcatifa verde nova de ponta a ponta e arrastámo-la até ao passeio. Onde estivera a tapete encontrámos um assobradado de carvalho que, tanto quanto se podia ver, jamais experimentara a sola de um único sapato. Afagámo-lo e encerámo-lo aplicadamente, deixando-o lustroso e brilhante. Depois saímos e gastámos a maior parte de duas semanas de salário num tapete persa feito à mão, que desfraldámos na sala de estar em frente da lareira. Ao longo dos meses, fomos repintando e substituindo todas as superfícies e acessórios verdes. A pouco e pouco, a casa do funcionário dos correios começava a tornar-se nossa.

Claro que, quando acabámos de pôr a casinhola em ordem, fazia todo o sentido trazer um colega de quarto enorme de quatro patas com as unhas das patas afiadas, dentes grandes e com-

petências de língua inglesa excessivamente limitadas para começar a dar cabo dela outra vez.

— Mais devagar, dingo, senão falhas o corte — ralhou Jenny. — Deve estar mesmo a aparecer.

Estávamos a avançar no meio de uma escuridão total através daquilo que em tempos fora uma região pantanosa, drenada para a agricultura após a Segunda Guerra Mundial e mais tarde colonizada por habitantes dos subúrbios em busca de um estilo de vida rústico.

Tal como Jenny previra, os nossos faróis não tardaram a iluminar uma caixa de correio assinalada com a direcção que procurávamos. Cortei numa estrada de cascalho que levava a uma grande propriedade arborizada com um lago em frente da casa e um pequeno celeiro nas traseiras. À entrada da casa, fomos recebidos por uma mulher de meia-idade chamada Lori, que nos deu as boas-vindas com um *labrador retriever* amarelo a seu lado.

— Esta é a *Lily*, a mãe babada — disse Lori depois de nos apresentarmos.

Podíamos ver que cinco semanas depois do parto *Lily* ainda tinha o ventre inchado e as tetas pronunciadas. Ajoelhámo-nos, e ela aceitou benevolentemente as nossas festas. Era exactamente aquilo que um *labrador* devia ser — doce, afeiçoado, calmo e lindo de morrer.

— Onde está o pai? — perguntei.

— Oh — disse a mulher, hesitando por uma fracção de segundo. — O *Sammy Boy*? Anda por aí algures —, apressando-se a acrescentar — Imagino que estejam ansiosos para verem os cachorros.

Conduziu-nos através da cozinha para um quarto que tinha servido de sala de aleitamento. O chão estava coberto de jornais e a um canto havia uma caixa espalmada alinhada com toalhas de praia velhas. Mas nós mal reparámos nessas coisas. Como poderíamos observar o que quer que fosse quando havia

JOHN GROGAN

nove cachorrinhos amarelos tropeçando uns nos outros enquanto se amontoavam para espreitar os últimos forasteiros a aparecer de visita? Jenny suspirou.

— Meu Deus — disse ela. — Acho que nunca vi nada tão lindo na minha vida.

Sentámo-nos no chão e deixámos os cachorros treparem-nos pelas pernas enquanto *Lily* saltitava à nossa volta, a cauda a abanar e o focinho a aconchegar cada uma das suas crias para se certificar de que estava tudo bem. O acordo que eu fizera com Jenny quando concordara em vir até aqui era que iríamos dar uma vista de olhos aos cachorros, fazer algumas perguntas e manter o espírito aberto quanto à eventualidade de nos sentirmos realmente preparados para trazer um cão para casa.

— Este é o primeiro anúncio a que estamos a responder — dissera eu. — Não vamos tomar decisões precipitadas.

Mas bastaram trinta segundos para eu ver que já tinha perdido a batalha. Não havia dúvida de que antes de a noite acabar um destes cachorros iria ser nosso.

Lori era aquilo a que se chama um criador de quintal. No que respeitava à compra de um cão puro, éramos meros novatos, mas tínhamos lido o suficiente para saber que devíamos evitar as chamadas fábricas de cães, essas operações comerciais de criação que reproduzem puros-sangues como a Ford produz os seus *Taurus*. Ao contrário dos automóveis construídos em série, os cães com *pedigree* podem vir com graves problemas hereditários, que poderão variar da displasia da anca à cegueira precoce, provocados pela procriação consanguínea.

Lori, por outro lado, fazia da criação um *hobby*, motivada mais pelo amor à criação do que pelo lucro. Possuía apenas uma cadela e um cão. Provinham de linhagens distintas e tinha os registos para o provar. Esta seria a segunda e última ninhada da *Lily* antes de se retirar para a boa vida de animal doméstico do campo. Com ambos os progenitores no local, o comprador podia

MARLEY E EU

confirmar a linhagem pessoalmente — embora no nosso caso o pai estivesse na rua e fora do baralho.

A ninhada consistia em cinco fêmeas, todas reservadas excepto uma, e quatro machos. Lori pedia quatrocentos dólares pela fêmea remanescente e trezentos e setenta e cinco pelos machos. Um deles parecia ser-nos particularmente afeiçoado. Era o mais patusco do grupo e arremeteu contra nós, pulando às cambalhotas sobre as nossas pernas e esgravatando as nossas camisas para nos lambar as caras. Abocanhava-nos os dedos com uns dentes de bebé surpreendentemente afiados e troteava em círculos desajeitados à nossa volta com umas patas amarelo-torradadas gigantes verdadeiramente desproporcionadas face ao resto do corpo.

— Aquele ali pode levá-lo por três e meio — disse a dona.

Jenny é uma regateadora fanática com o hábito de trazer para casa toda a sorte de objectos de que nós nem precisamos nem queremos pelo simples facto de terem um preço demasiado atractivo para os deixar passar.

— Bem sei que jogas golfe — disse-me ela um dia enquanto puxava de uma colecção de tacos da bagageira do carro.

— Mas nem imaginas o negócio que eu fiz com eles.

E agora os olhos dela brilhavam.

— Oh, querido — arrullhou ela. — O pequenino está livre!

Tive de admitir que era realmente adorável. E vivaço. Sem que tivesse tempo de perceber o que ele estava a fazer, já o sacana me roera metade da correia do relógio.

— Temos de fazer o teste do medo — disse eu.

Já contara a Jenny a história de ter ido buscar o *Santo Shaun* quando era miúdo várias vezes e de como o meu pai me ensinara a fazer um gesto brusco ou um barulho alto para fazer a triagem entre os medrosos e os resolutos. Sentada no meio dos cachorros, Jenny lançou-me aquele rolar de olhos que normalmente reservava para os comportamentos peculiares da família Grogan.

JOHN GROGAN

— A sério — disse eu. — Funciona.

Levantei-me, virei costas aos cachorros e voltei a rodopiar bruscamente, dando um grande passo na direcção deles, e berrei: «Hei!» Mas ninguém parecia demasiado preocupado com as contorções deste estranho. Só um deles avançou ao encontro da investida. Era o *Cachorro Livre*. Arremeteu contra mim a todo o gás, fazendo-me um bloqueio de corpo atravessado contra os tornozelos e abocanhando-me os atacadores como se convencido de que eles fossem um inimigo perigoso que precisasse de ser destruído.

— Acho que é o destino — disse Jenny.

— Achas que sim? — perguntei, levantando-o na palma da mão diante da cara, estudando-lhe a carantonha. Ele olhou-me com uns olhos castanhos de derreter o coração e mordiscou-me o nariz. Atirei-o para os braços de Jenny, e ele fez a mesma coisa a ela. — Lá que parece gostar de nós, parece — disse eu.

E assim foi. Passámos um cheque de trezentos e cinquenta dólares a Lori, e ela disse-nos que podíamos ir buscar o *Cachorro Livre* daí a três semanas, quando ele tivesse oito semanas e desmamasse. Agradecemos-lhe, fizemos uma última festa a *Lily* e despedimo-nos.

A caminho do carro, pus o braço à volta do pescoço de Jenny e apertei-a contra mim.

— Dá para acreditar? — perguntei. — Acabámos mesmo por encontrar o nosso cão.

— Estou em pulgas para o trazer para casa — disse ela.

Ao chegar ao carro, ouvimos um barulho vindo da floresta. Havia alguma coisa a remexer por entre os arbustos — e a arfar ruidosamente. Soava como aquelas coisas que se ouvem nos filmes de terror. E vinha na nossa direcção. Ficámos petrificados, de olhos postos na escuridão. O som tornava-se cada vez mais próximo e mais alto. Depois, a coisa irrompeu na clareira e arremeteu na nossa direcção, uma mancha amarela. Uma

MARLEY E EU

enorme mancha amarela. Enquanto passava por nós a galopar, parecendo nem sequer dar pela nossa presença, vimos que era um grande *labrador retriever*. Mas nada que se parecesse com a doce *Lily*, à qual tínhamos acabado de fazer festas. Este estava encharcado e coberto de lama e espigas. Tinha um ar selvagem com a língua descaída para um dos lados e espumando pela boca. No vislumbre momentâneo que me foi dado registrar detectei um brilho estranho, ligeiramente tresloucado, e, no entanto, alegre nos seus olhos. Era como se este animal tivesse acabado de ver um fantasma — e não pudesse estar mais entusiasmado com isso. Depois, com o estridor retumbante de uma manada de búfalos, desapareceu por trás da casa e a perder de vista. Jenny soltou um pequeno suspiro.

— Acho — disse eu, com um ligeiro enjoo a crescer-me na garganta — que acabámos de conhecer o pai.